

## Da *Sangria* às *Recordações*: a constituição do sujeito e do devir-mulher na poética de Luiza Romão e Conceição Evaristo

*From Sangria to the Memories: the constitution of the subject and of the becoming-women in the poetic of Luiza Romão and Conceição Evaristo*

Antônio Fernandes Júnior\*

Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão  
Catalão, Goiás, Brasil

Amanda Soares Mantovani\*\*

Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão  
Catalão, Goiás, Brasil

**Resumo:** O presente estudo objetiva analisar discursivamente, à luz dos pensamentos de Michel Foucault, a constituição da mulher enquanto sujeito discursivo e o conceito de devir-mulher, com base na filosofia de Deleuze e Guattari, nas obras *Sangria* (2017), de Luiza Romão, e *Poemas de recordação e outros movimentos* (2017), de Conceição Evaristo. O corpus é constituído por sequências enunciativas recortadas de poemas das obras supramencionadas. Em relação à metodologia, foram utilizados procedimentos de abordagem baseados na Arqueogenealogia de Foucault (2004, 2008, 2016, 2017), já que nos propomos a analisar criticamente esse sujeito inserido nas teias das relações de poder, apoiando-nos também em obras e estudos desenvolvidos por Deleuze (2011, 2019), Deleuze e Guattari (2012a, 2012b), Prado Filho (2019) e Fernandes (2012). Pôde ser percebido, especialmente, que a literatura das autoras denuncia práticas e discursos coercivos, nada hodiernos e que se fazem atuais por meio de atualizações, como o machismo, o patriarcado e o racismo e, em consonância, funcionam como resistência dentro das relações de poder nas quais os corpos femininos são produzidos.

**Palavras-chave:** Discurso. Sujeito. Devir-mulher. Luiza Romão. Conceição Evaristo.

**Abstract:** The present study aims to analyze discursively, based on Michel Foucault's thoughts, the constitution of women as a discursive subject and the concept of becoming-women based on Deleuze and Guattari's philosophy, in the works *Sangria* (2017), from Luiza Romão, and *Poemas de recordação e outros movimentos* (2017), from Conceição Evaristo. The corpus consisted in enunciative sequences that was cut from poems of these works mentioned above. About the methodology, procedures were used based on Archeogenealogy perspectives from Foucault (2004, 2008, 2016, 2017) as we propose to, critically analyze the subject inserted in the webs of power relations, it's also used as a theoretical background, studies developed by Deleuze (2011, 2019), Deleuze e Guattari (2012a, 2012b), Prado Filho (2019) and Fernandes (2012). It could be noticed, especially, that the authors' literature denounces old practices and coercive discourses, which has been updating through the updates such as sexism, patriarchy and racism, therefore, they work as resistance within the power relations, in which female bodies are produced.

**Keywords:** Discourse. Subject. Becoming-women. Luiza Romão. Conceição Evaristo.

---

\* Doutor em Letras pela UNESP, professor adjunto da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão. E-mail: toniferjr@gmail.com.

\*\* Mestrado em andamento em Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás/ Regional Catalão Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão. E-mail: amandamantovani25@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Desde o período da colonização no Brasil, inúmeros registros e acontecimentos evidenciam a posição histórica que fora construída sobre as mulheres, seja no campo da submissão e da subserviência, ou nas denúncias desses abusos e práticas sexistas sustentados por um sistema patriarcal e machista arcaico. No país, além do alto índice de feminicídio, estupro e assédio (CERQUEIRA et al., 2020), bem como a própria desigualdade salarial, práticas e discursos religiosos também funcionam como mecanismos coercivos, que lançam sobre os corpos das mulheres finas tecnologias de poder disciplinantes, limitadoras de suas experiências e atuações, ditando sua sexualidade e desejo. Há, pois, um complexo de dispositivos e manifestações misóginas que aparecem desde o processo de colonização, reatualizando-se na modernidade a fim de atestar “a certeza do privilégio masculino, a banalização da violência contra a mulher e a tentativa de sua objetificação sexual” (SCHWARCZ, 2019, p. 186). Ao mencionar esse lastro histórico de relações de poder que incidem sobre os corpos das mulheres no espaço social, não o entendemos como uma linha temporal evolutiva, mas sim, como uma história marcada por continuidades (o que permanece) e descontinuidades (rupturas e transformações) que caracterizam as lutas das mulheres no campo social.

Desse modo, com o crescimento dos diferentes feminismos e suas potentes interseccionalidades, práticas de resistência podem emergir em inúmeros pontos e contextos, marcando “múltiplas configurações identitárias e da demanda por seus lugares de fala” (HOLLANDA, 2020, p. 12). Pensando nisso, vemos na literatura, e nas artes em geral, um território fértil para nascimentos de ferramentas de luta: brotam muitos questionamentos sobre o espaço das mulheres, os quais funcionam como possibilidade de resistência, de visibilidade e de reconhecimento das obras produzidas por elas. Ao mesmo tempo, não é possível refletir e problematizar, especificamente, a relação das mulheres com a literatura sem nos atentarmos ao contexto histórico e seus reflexos na constituição da atual sociedade brasileira.

Tendo em vista essas informações, propomos uma análise discursiva, sob a ótica dos pensamentos de Michel Foucault em diálogo com a filosofia deleuzo-guattariana, de poemas das escritoras Luiza Romão, no livro *Sangria* (2017), edição bilíngue, e Conceição Evaristo, na obra *Poemas de recordação e outros movimentos* (2017), organizando as análises por meio de recortes temáticos. Partimos do pressuposto de que a confluência dessas filosofias possibilita observar o conceito de devir-mulher funcionando como vetor de força poética nos livros em questão, pois as autoras, ao tratarem de forma tão singular de assuntos relacionados às mulheres, abrem espaço para linhas de fuga e produções de subjetividades dentro das relações de poder. O devir-mulher, como será demonstrado mais adiante, apresenta-se como uma estratégia discursiva potente, atravessado por linhas de fuga altamente desterritorializantes que possibilitam transgressões, afetações outras, porvires. Adiantamos que não é objetivo deste trabalho realizar uma análise discursiva exaustiva, mas sim desenvolver um caminhar cartográfico vislumbrando um diálogo entre as obras de Romão e de Evaristo, observando-se o funcionamento do devir como vetor de força poética.

Esse movimento permite mapear certos discursos, agenciamentos e dispositivos que perpassam a constituição dos sujeitos e de seus corpos, logo, trata-se de uma estratégia cartográfica, pois ao cartografar essas linhas, no sentido de depreender a história do presente, é possível mobilizar domínios de memória, produzidos nos e pelos poemas, e forjar ferramentas para as práticas de resistência construídas nas poéticas das autoras escolhidas para este estudo. Desse modo, apoiar-nos-emos teoricamente em obras e estudos do próprio Foucault (2004, 2008, 2016, 2017), Deleuze (2011, 2019), Deleuze e Guattari (2012a, 2012b) e de autores como Prado Filho e Teti (2013) e Fernandes (2012). A proposta é articular as práticas de resistência junto às discussões sobre devir-mulher para demonstrar que a análise das relações de poder deve partir das resistências, pois são elas que indicam como, onde e sobre quais corpos o poder incide, e quais linhas de fuga se constroem nos enfrentamentos com os dispositivos de poder<sup>1</sup>.

A escolha deste tema e das obras advém de uma inquietação construída em uma pesquisa anterior<sup>2</sup>. Nesse meio-tempo, após conhecer o trabalho ativo de Romão, em 2018, surgiu a vontade de analisar e problematizar, por meio de um diálogo, a poética de ambas as poetisas, Romão e Evaristo, já que consideramos que em suas literaturas há o exercício de memória das mulheres e de uma reflexão sobre aspectos da historicidade brasileira, com particularidades que as distinguem e que ao mesmo tempo as aproximam. A escolha dessas duas autoras<sup>3</sup> se deu pelas estratégias poéticas adotadas na tessitura dos poemas, sobretudo quando recuperam e ressignificam discursos da colonização e/ou de outros momentos históricos do Brasil que ainda mantêm ecos na atualidade. Passado e presente estão em constante batimento nos poemas de cada uma das autoras. Em Romão, a discussão sobre a violência contra as mulheres desde a colonização é caracterizada como um estupro, “A COLONIZAÇÃO COMEÇOU PELO ÚTERO/ matas virgens/ virgens mortas/ A COLONIZAÇÃO FOI UM ESTUPRO”<sup>4</sup>; em Evaristo, o passado escravocrata marca e sangra corpos de pessoas negras no Brasil, cuja “certidão de óbito, os antigos sabem,/ veio lavrada desde os negreiros” (EVARISTO, 2017, p. 17). Por esses recortes, deparamo-nos com discursos que enunciam corpos e espaços marcados por práticas de violência contra as mulheres, de ontem e hoje.

<sup>1</sup> Discussão assinalada por Foucault no texto *O Sujeito e o Poder*, em Dreyfus e Rabinow, *Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica* (2009).

<sup>2</sup> Plano de trabalho (2018/2019) de Iniciação Científica, desenvolvido a partir do Projeto de Pesquisa *Dispositivos de poder e práticas de subjetivação na atualidade*, orientado pelo Prof. Dr. Antônio Fernandes Júnior, com apoio da CAPES.

<sup>3</sup> Paulista, Romão é graduada em Artes Cênicas (Direção Teatral), formada na Escola de Arte Dramática pela Universidade de São Paulo, e mestranda em Teoria Literária pela mesma instituição. Também é atriz, poeta, *slammer*, feminista e militante. Além de ser um nome forte no *Slam*, Luiza Romão publicou em 2014 seu primeiro livro, intitulado *Coquetel Motolove*. Por sua vez, a mineira Conceição Evaristo é Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense e participa ativamente dos movimentos de valorização da cultura negra e das mulheres no Brasil. Em 2015, concorreu a uma vaga na Academia Brasileira de Letras. É autora de romances, contos, poemas e novelas. Também cunhou um importante termo que diz respeito ao fato de a subjetividade do escritor estar intrinsecamente ligada a sua escrita, “escrevivências”.

<sup>4</sup> ROMÃO, 2017, DIA I. NOME COMPLETO.

Sob essa ótica, pretendemos analisar a constituição da mulher enquanto sujeito, que inserida em uma ordem discursiva, é capaz de se posicionar e alçar a condição de um devir-mulher como vetor de força nos poemas, produzindo linhas de fuga para esses corpos femininos nos espaços sociais, bem como nos espaços constitutivos de processos de subjetivação. Almejamos ainda analisar, discursivamente, como essas obras colocam questões sociais específicas relacionadas às mulheres e de que maneira o devir-mulher age como a possibilidade de linhas de fuga dentro das redes de poder, já que, conforme a filosofia deleuzo-guattariana, o devir está relacionado aos processos de subjetivação, à criação de zonas de vizinhança que proporcionam a formação de outra instância (DELEUZE; GUATTARI, 2012b). Destarte, defendemos a necessidade de expandir e multiplicar mais espaços para a discussão sobre a poesia produzida por mulheres, sobre o lastro histórico que reflete e molda esse sujeito, inclusive na atualidade, como a escravidão, a infância não vivenciada, a hipersexualização do corpo e a dupla marginalização (de gênero e de cor). Defendemos, também, a importância de se colocar em evidência a poética de duas mulheres brasileiras num país que, infelizmente, ainda segrega e dificulta o estabelecimento da equidade em diversos setores, até mesmo no literário. Não por acaso, tal problemática pode ser constatada a partir dos inúmeros estudos desenvolvidos por pesquisadoras e pesquisadores que investigam obras de autoria feminina.

## **1 DISCURSO, RELAÇÕES DE PODER E DEVIR-MULHER: BREVE DISCUSSÃO TEÓRICA**

Inicialmente, ao observarmos a violência que perpassa a história do Brasil, da colonização à atualidade, percebemos ações enquanto práticas e acontecimentos discursivos, que reverberam enunciados que ora defendem a submissão da mulher, ora marcam definitivamente sua liberdade e equidade. A indicação de que a violência sofrida pelas mulheres remonta ao período colonial não significa uma linha sem desvios entre passado e presente, mas de atravessamentos ou de pontos de cruzamento, “nós em uma rede”<sup>5</sup> (FOUCAULT, 2016, p. 28), em um movimento de continuidade e descontinuidade histórica. Afinal, as práticas discursivas da atualidade não são as mesmas de outros momentos do passado. Sobre isso, para Foucault, conforme explica Fernandes (2012, p. 17), os discursos podem ser entendidos como “[...] aquilo ao qual o homem cede, que o conduz em sua superfície translúcida, que age e pensa por ele, que dita os enunciados necessários e autoriza os enunciados possíveis”.

Logo, os enunciados, quando produzidos e inscritos na história, materializam-se nos textos e se alçam à condição de coisa dita, a acontecimentos discursivos, pois se produzem como releituras de discursos historicamente produzidos e suscitam a produção de outros discursos. Assim, fatos históricos são discursivizados, ganham a dimensão de acontecimento discursivo, produzindo interpretações e instaurando rupturas nos modos de dizer, ler e problematizar a história em sua condição de descontinuidade. Por esse motivo, cabe o questionamento: como os poemas dos livros escolhidos para este estudo leem o passado dessa forma e não de outra? A referência ao termo *enunciado* vincula-se às

---

<sup>5</sup> Expressão usada por Foucault para definir o enunciado.

discussões de Michel Foucault desenvolvidas no livro *A Arqueologia do Saber* (1969), cuja proposta se direciona para uma análise *arqueológica dos discursos*, na medida em que não se busca a origem dos discursos, mas seus pontos de emergência e aparecimento, relações com já-ditos (domínio de memória), com posições de sujeito, materialidade repetível.

O ponto central para a delimitação do enunciado<sup>6</sup> é a sua condição de ser algo efetivamente produzido, que implica uma data, um suporte e posições de sujeito. Os livros escolhidos para análise neste artigo, nessa perspectiva, são livros-enunciados, pois possuem historicidade (data), suporte (físico no livro, e institucional, vinculado ao lugar do artista nas práticas culturais) e lugares de autoria | fala (funções-sujeito) distintos e, dentro de cada um, populações de enunciados que possibilitam múltiplas leituras, principalmente no jogo estratégico de recuar ao passado para pensar o presente. Os enunciados que ressignificam o passado, jogam luzes [e sombras?] sobre o presente, produzindo discursos, a partir dos quais uma problematização crítica gera significações outras sobre as condições das mulheres na história do presente. Interessa, neste estudo, recuperar os enunciados dos poemas que compõem os discursos de resistência às práticas de violência sofridas pelas mulheres de hoje, cujos rastros e memórias, inscritos nos corpos, remontam a diferentes momentos históricos do Brasil.

Por sua vez, os discursos, dispersões de enunciados e multiplicidades de multiplicidades, também constituem e regulam posições-sujeito possíveis (FOUCAULT, 2016). O sujeito, na perspectiva foucaultiana, deve ser compreendido como uma posição passível de ser ocupada por indivíduos diferentes, levando em consideração as regras e os requisitos para que possam assumir uma dada posição, e está diretamente relacionado ao discurso, às formações discursivas. Por esse motivo, não é qualquer indivíduo que pode falar qualquer coisa ou assumir um dado discurso livremente. Como aponta Foucault (2004, p. 275), essa constituição do sujeito “nessa ou naquela forma determinada, como sujeito louco ou são, como sujeito delinquente ou não”, se dá “através de um certo número de práticas, que eram os jogos de verdade, práticas de poder etc.”

Adiante, por depreendermos que o funcionamento de todo corpo social está atravessado por relações de poder e ao considerarmos a constituição das mulheres enquanto sujeito discursivo nos poemas, é inevitável adentrarmos à discussão sobre as relações de poder que atravessam, perpassam e constituem indivíduos em sujeitos. Dizem-se relações porque essas forças estão “dentro de uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir” (FOUCAULT, 2017, p. 145), e que, ao mesmo tempo, marcam frente a essas instâncias posições de resistência. Em consonância, as práticas de resistência, como uma forma de linha de fuga dentro das relações de poder, reforçam a ideia de que só há resistência se houver poder, e que uma sociedade sem essas teias é uma percepção equivocada, uma utopia.

---

<sup>6</sup> Conforme Foucault, para diferenciar o enunciado de uma frase, de uma proposição ou de um ato de fala, é preciso considerar que: a) não basta ter os elementos constituintes de uma frase para se ter um enunciado (uma palavra ou imagem pode ser enunciado); b) o enunciado não se liga à estrutura do verdadeiro e falso; e, por fim, c) não remete às intenções do sujeito (FOUCAULT, 2016).

Em sua argumentação, Foucault (2016) discorre sobre a força do Estado, suas instituições e momento histórico, como a era industrial e o capitalismo, para compreender de que forma esse poder é distribuído a fim de disciplinar os corpos. Conforme Fernandes (2012, p. 61), “trata-se de um poder distribuído, pouco ou nada explícito, mas que funciona em rede e promove a docilidade e a submissão daqueles sobre quem ele recai”, seja a escola, o exército ou a prisão, por exemplo. Tal funcionamento de poder, em rede, culmina na concepção não de *um* poder, mas de relações micro e macrodistribuídas, que são caracterizadas por serem ora dificilmente identificáveis ora perceptíveis, fluindo de todas as direções. Assim, Foucault não nega que o poder possa ser exercido pelas instituições em uma dimensão vertical (de cima para baixo), mas sugere que tem uma constituição mais microfísica, horizontal, cuja prática se efetiva entre sujeitos, na condução de condutas entre eles. Essas relações de poder, enquanto finas técnicas disciplinantes, cortam os sujeitos de tal forma que, quanto mais sorrateiras as induções, mais forte o potencial de camuflagem: não só conduzem corpos, mas são capazes de regular suas almas.

O estudioso demonstra que a sociedade como um todo é baseada numa percepção atravessada pelo panoptismo, e que essas relações de poder são disseminadas por redes capilares de poder atreladas aos saberes; pequenas e múltiplas teias que atravessam todo o corpo social a fim de disciplinar os corpos e os sujeitos, de produzir saber, comportamentos, padrões etc. (FERNANDES, 2012). Desse modo, os sujeitos, sempre observados e regulados por relações de poder cujas intensidades e alcance são ainda mais profundos e capturantes, para se sentirem pertencentes a dada comunidade ou grupo social, devem obedecer às normas e prescrições; devem, antes de tudo, também servir de objeto de conhecimento, o que ocasiona mais saberes e, conseqüentemente, mais poder. Uma disciplina massificada.

Além disso, podemos utilizar os estudos do filósofo-historiador sobre a objetivação e a subjetivação no que tange aos corpos: o primeiro, relacionado ao corpo e às subjetividades como objeto de estudo, de saber; e o segundo, ao movimento do sujeito em relação a si mesmo, em se reconhecer, por exemplo, enquanto sujeito de um enunciado (PRADO FILHO; TETI, 2013). E, para restringir as reflexões ao foco deste estudo, devemos nos ater ao sentido de corpo enquanto objeto de conhecimento capaz de gerar saberes e, ao mesmo tempo, ser capaz de confrontar e ocupar posições de resistência dentro das teias de poder. Corpo-mulher plural que sangra pelas frestas dos modelos que lhe são impostos, das diferentes formas de violência que incitam “o modelo de mulher/a mãe gentil”<sup>7</sup> e punem as existências desviantes.

É sob essa ótica que *Sangria* (2017) e *Poemas de recordação e outros movimentos* (2017) funcionam como pontos de inversão e gatilhos de resistência dentro dos contínuos jogos de saber-poder, já que foram produzidos por mulheres e denunciam práticas retrógradas que visam disciplinar e oprimir esses sujeitos. Nas palavras de Foucault (2017, p. 18), “qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede de poder, teia que se alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar”. Nesse sentido, o devir, conceito

---

<sup>7</sup> ROMÃO, 2017, DIA I. NOME COMPLETO.

deleuziano, abre mais perspectivas de análise das linhas de fuga identificáveis nas literaturas em questão. Para Deleuze (2011, p. 11), “devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, *mimesis*), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal que não seja possível distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula [...]”.

Trata-se de um processo de dupla captura entre dois estados distintos que resulta noutra formação. Colocam-se em prática as dessubjetivações e subjetivações, a busca por algo novo, a reinvenção, fugindo aos padrões construídos por discursos e práticas historicamente produzidos; feixes escapantes. Deleuze e Guattari (2012b, p. 70) afirmam, ainda, que todos os devires começam e, obrigatoriamente, “passam pelo devir-mulher”, pois da estrutura “primeira” homem, a mulher faz fluir variações a partir dessa relação binária. Isso significa que ao homem não se pode atribuir um devir (devir-homem), em razão de ser uma representação majoritária, dominante. Daí os fluxos de variação instaurados pelo devir menor: fazer-fugir e vaziar a diferença. Diante disso, este estudo vai ao encontro da constituição desse sujeito, dos moldes que foram e são impostos às mulheres. Em busca de se reinventar, esse sujeito “escorre” por entre as rachaduras das formas padronizadas em sentido de uma nova percepção de si. Subjetiva-se, renova-se; age como resistência dentro das relações capilares de saber-poder.

São dois estados distintos, por exemplo: a mulher idealizada, moldada, rotulada, e a mulher que escapa, que foge por entre as falhas e brechas do sistema. Ressaltamos que não é intenção delimitar esses estados outros que se implicam, pois conforme a filosofia da diferença, não é possível marcar ou apontar certeira quais são as zonas de afetações que compõem o devir-mulher, mas entender o fluxo escapante das forças euro-andro-centradas e misóginas que o constitui. São movimentações que possibilitam outras afetações e experimentações (DELEUZE; GUATTARI, 2012a e 2012b). Desse modo, uma zona de vizinhança, de dupla captura entre esses dois estados, faz com que a mulher devenha de si. Faz com que esse sujeito discursivo possa adentrar em práticas de subjetivação, inferindo cuidado de si e abertura às multiplicidades. Essa experimentação aciona desvios e irregularidades nas “práticas articuladas, tecnologias solidárias, camadas superpostas, etapas sucessivas da produção de indivíduos em nossa cultura” (PRADO FILHO, 2017, p. 317).

Pensando a partir do suporte teórico e analítico mencionado, a Cartografia surge como importante estratégia de análise-intervenção. Cartografia Social que se afasta da Cartografia Tradicional de mapas e espaços e se aproxima das transformações culturais, das dispersões de enunciados que compõem os discursos, que acionam os dispositivos e agenciam os sujeitos (PRADO FILHO; TETI, 2013). Dessarte, o diálogo profícuo entre as filosofias de Michel Foucault e de Gilles Deleuze em conjunto com Félix Guattari possibilita mapear as linhas dos acontecimentos, de maneira que os dispositivos e os agenciamentos dos corpos, dos sujeitos, são nós que unem práticas discursivas e não discursivas, elementos heterogêneos que funcionam muito mais que instâncias punitivas. Percorrer as tramas na tentativa de cartografá-las é buscar os acontecimentos e analisar como são assumidas dadas posições de sujeito nos enunciados que serão analisados.

No caso das produções-escrita de Romão e Evaristo, observaremos, a seguir, como as sequências enunciativas percorrem domínios de memória, formam campos associados com outros discursos, como os discursos patriarcal, machista, misógino, racial, conservador e religioso, ao passo que criam armas para a luta: “A cada momento, o que foge em uma sociedade? É nas linhas de fuga que se inventam armas novas, para opô-las às armas pesadas do Estado, e “pode ser que eu fuja, mas ao longo da minha fuga, busco uma arma” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 86). Essa inter-relação teórica entre Foucault, Deleuze, Guattari e comentadores se configura como um espaço frutuoso para análise dos poemas das autoras escolhidas, tendo em vista que o texto literário é um espaço para inscrição, circulação e produção de discursos, os quais serão discutidos a seguir.

## 2 DA SANGRIA ÀS RECORDAÇÕES

Como esta análise-discussão se desenvolve, primeiramente, à luz dos pensamentos de Michel Foucault, optamos por descrever as estratégias metodológicas, ou melhor, os procedimentos de abordagem e as ferramentas de análise advindas da Análise do Discurso sob o viés foucaultiano. Diante disso, justificamos a Arqueogenealogia como método predominante para o desenvolvimento deste artigo por, a um só tempo, pretendermos detalhar e analisar recortes dos poemas de Romão e Evaristo, a fim de identificar os discursos enquanto acontecimentos (emergência), inseridos nas relações de saber-poder. Uma análise “genealógica em sua finalidade e arqueológica em seu método”, nas palavras de Foucault (2008, p. 348). A estratégia cartográfica, neste caso, surge tanto em meio aos estudos de Michel Foucault, não pertencendo particularmente ao momento arqueológico ou ao genealógico, quanto na filosofia de Deleuze e Guattari. Além disso, é pertinente salientar que em *Foucault* (2019), obra de Deleuze, os passos cartográficos do filósofo são discutidos, mais uma vez reforçando a confluência desses pensamentos.

Em relação às obras escolhidas para este estudo, é inegável que dão visibilidade a questões culturais, históricas e sociais sobre a história das mulheres. Na primeira, *Sangria* (2017), de Luiza Romão, o ciclo menstrual é utilizado como ponto de partida e desenvolvimento para que os poemas sejam dispostos. Totalizando 28 dias, cada dia traz um poema/*slam* e uma fotografia expressiva, abordando a hipersexualização do corpo feminino, o estupro, a colonização banhada a sangue e o cotidiano desafiador das mulheres. Já *Poemas de recordação e outros movimentos* (2017), de Evaristo, é organizada por meio de poemas que abordam tanto o contexto histórico violento da era escravocrata e da atualidade quanto a posição de minoria na qual são colocadas as mulheres, acometidas por práticas violentas, como a infância interrompida e o estupro.

Observamos que essas escritas adotam uma *função guerreira* (DELEUZE; GUATTARI, 2012b), pois cruzam os domínios da linguagem e acionam uma memória discursiva; afinal, lembrar é (re)existir. E como fora ressaltado, diversas temáticas são abordadas nas obras escolhidas, todas se referindo especialmente às mulheres brasileiras, já que tratam da colonização do Brasil e desse corpo-espaço como pontos iniciais para as demais problemáticas sociais e, concomitantemente, históricas. Ambos os livros podem

estar situados no âmbito da literatura feminista: Romão, por meio de sua mescla “arte-poesia-ativismo”, surge com o feminismo nas ruas, nas mais variadas culturas; Evaristo mantém um trabalho ativo principalmente em relação ao feminismo negro. Entendemos, pois, que essas produções acionam multiplicidades, intersecções, convergindo para uma perspectiva decolonial “de recuperar narrativas ancestrais, de desconstruir e reconstruir o confronto pré e pós-colonial, recuperar epistemologias silenciadas” (HOLLANDA, 2020, p. 16).

Juntas, exploram a pluralidade que constitui o(s) feminismo(s), “movimento político emancipatório” que luta para “a superação da opressão com base em classe, raça, etnia, orientação sexual, habilidade, bem como gênero” (MCLAREN, 2016, p. 33). É válido destacar, também, que não estamos enquadrando as produções literárias dessas escritoras “neste ou naquele feminismo”, “neste ou naquele tipo literário”, e que suas obras não são elaboradas a fim de divulgar diretamente os feminismos. Ao discorrer sobre essas produções dessa maneira, puderam ser observados vetores de força à decolonialidade, entendendo-as como literaturas feministas, no sentido de serem apreendidas como fortes *maquinarias de guerra*, forjadas a partir de engrenagens disruptivas, vazadoras de intensidades e de rígidos padrões podantes de subjetividades, conforme Deleuze e Guattari (2012a). Nesse sentido, os poemas abaixo foram recortados levando-se em consideração as sequências enunciativas identificadas, as quais denunciam práticas específicas e violentas, construídas e reforçadas histórica e culturalmente. A seleção se realizou a partir de recortes temáticos, de forma a operar certa regularidade entre os enunciados. Enunciados constituintes de máquinas-escrita forjadoras de novos porvires partindo do exercício de memória.

O primeiro, de Luiza Romão, intitulado *DIA 2. DATA DE NASCIMENTO*, dá visibilidade à miscigenação brasileira:

*DIA 2. DATA DE NASCIMENTO*

um país nasceu  
não de parto  
nem de partida  
mas na chegada  
enviado da corte  
fruto de cortes  
fundos na pele  
sempre “mestiça” [...] <sup>8</sup>

Uma colonização banhada a sangue que submeteu aqueles que aqui estavam e outros povos sequestrados a práticas violentas e perturbadoras. Nesse poema, temos dois corpos marcados pelas práticas de violência, os corpos mestiços e corpo-nação, fundado no mesmo modelo. Chama-nos atenção também o artigo indefinido utilizado por Romão, “um país”, não “o”, não “Brasil”, mas um enunciado que pode, inclusive, remeter a mais

<sup>8</sup> ROMÃO, 2017, *DIA 2. DATA DE NASCIMENTO*, grifo da autora.

um campo de exploração, comum, mais um país que fora colonizado, “descoberto”, como qualquer outro observado sob o ponto de vista de quem explora e submete. A mescla de povos, cultura, etnia e língua é parte da historicidade brasileira e da constituição de seu povo, “mestiço”. Povo *afro-indígena* (HOLLANDA, 2020, p. 24). A memória que traz “as partidas”, os inúmeros navios “negreiros” a mando “da corte”, reverbera a dor e a violência sofridas. “Cortes fundos na pele” naqueles que foram escravizados, em mulheres que foram violadas e que, dali, a nova colônia despertara. Rememorar é parte constitutiva do sujeito discursivo em questão.

Em vista disso, essas sequências enunciativas que compõem os discursos formam domínio de memória com enunciados de outro momento histórico, como a carta de Pero Vaz de Caminha enviada à Coroa Portuguesa, datada em 1º de março de 1500, que descreve a impressão que os navegantes tiveram sobre os nativos brasileiros: “Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto” (CAMINHA, 1997, p. 14). Os corpos ora são analisados e tidos como objetos, ora como seres sem cultura e dignos de “salvação”: “nos pareceu a todos que nenhuma idolatria, nem adoração têm” (CAMINHA, 1997, p. 49). Ao ressaltar a nudez das mulheres indígenas, a carta indica elementos que compõem a “cultura do estupro” [termo que emerge durante a segunda onda feminista em meados de 1970 (SCHWARCZ, 2019)], cujo lastro histórico ecoa na sociedade moderna, quando mulheres vítimas de violência sexual são culpadas por tais atos pela nudez e pelas roupas, por estarem em local e horário inapropriados, o que justificaria ou atenuaria a prática do estupro.

Schwarcz (2019, p. 189, grifo da autora) observa que essa cultura não é apenas reflexo de um compilado de práticas e de perspectivas somente do colonizador, mas também de relatos que ficam à margem, dispersos, e que estão impregnados no cotidiano: “sua inclusão [...] é tão ‘natural’ que esquecemos que ela é feita de muita construção política, social e humana”. A banalização dessa violência acaba por resultar na manutenção da cultura do estupro e na disseminação da cultura do medo. Em relação, sobretudo, às mulheres enquanto sujeito discursivo, Conceição Evaristo também toma o marco histórico da colonização no recorte do poema a seguir, incluindo também as particularidades biológicas das mulheres, que, justamente por elas, são apontadas e pressionadas por discursos e práticas que visam oprimir, segregar e disciplinar.

Em *Eu-mulher*, podemos depreender posições expressivas de resistência de um sujeito poético-discursivo que, em meio às amarras, desprende-se e se subjetiva.

*Eu-mulher*

Uma gota de leite  
me escorre entre os seios.  
Uma mancha de sangue  
me enfeita entre as pernas  
Meia palavra mordida  
me foge da boca.

Vagos desejos insinuam esperanças.  
Eu-mulher em rios vermelhos  
inauguro a vida.  
Em baixa voz  
violento os tímpanos do mundo.  
Antevejo.  
Antecipo.  
Antes-vivo

Antes – agora – o que há de vir.  
Eu fêmea-matriz.  
Eu força-motriz.  
Eu-mulher  
abrigo da semente  
moto-contínuo  
do mundo. (EVARISTO, 2017, p. 23)

Cada palavra dita, cada atitude e “meia palavra mordida que foge da boca” colocam as mulheres e seus corpos, enquanto sujeitos de discursos, mais susceptíveis a ataques e confrontos diretos, violentos, já que o que se espera delas são respostas e gestos responsivos e, claro, quando lhes forem pedidos. Também, a capacidade biológica de gerar, “em rios vermelhos inaugurar a vida”, condiciona ao sujeito tanto a possibilidade de passar adiante novas percepções e memória quanto uma redução de funções, como é o caso das formações discursivas que utilizam essa condição para moldar as mulheres e terem poder sobre seus corpos. Contudo, ser “força-motriz” é um completo devir; devir-mulher que funciona como linha de fuga dentro das relações de poder e que abre caminhos para que o sujeito se subjetive, escorra, esvaia-se pelas rachaduras | imperfeições dos moldes historicamente construídos e entre em uma zona de vizinhança a ponto de não ser possível diferenciar uma instância de outra.

O corpo, se não bastasse, ainda é questionado quanto à capacidade gestacional, “abrigo da semente”, mesmo que o filho, o resultado desse processo, não venha a ter apoio paterno. Diante disso, visualizamos que as sequências enunciativas acima compõem uma posição de resistência, de crítica a esses lugares socialmente construídos e impostos às mulheres. Trata-se, ao mesmo tempo, de um poema marcado por ironia, um artifício de linguagem utilizado principalmente nos enunciados “Eu **força-motriz**./ Eu-mulher/**abrigo da semente**/ moto-contínuo/ do mundo”, cujos discursos são cotidianamente empregados para delimitar as condutas e a própria existência das mulheres (e de seus corpos) vinculadas exclusivamente às “funções” biológicas. Ser “força-motriz” e “abrigo da semente” reitera a ideia de que os corpos das mulheres são receptáculos, vinculando-os ao sagrado e ao intocável. Sob essa ótica, a redução de funções do corpo-mulher, objeto de discurso, está fortemente relacionada à interdição. Enunciados como esses estão fortemente presentes em discursos conservadores e religiosos, cujo primado recai em manter a hierarquia dentro da heterossexualidade compulsória e regular as identidades: *ser* mãe, *ser* esposa, *ser* casta.

Exemplo disso são os acontecimentos recentes que ganharam visibilidade na *internet* após manifestações contrárias ao Projeto de Lei 813/2019 divulgado como “Escolhi Esperar”, idealizado pelo vereador Rinaldi Digilio (PSL), que visa intensificar a ideia da abstinência sexual como método contraceptivo (MUNIZ; STOCHERO, 2021); e em favor da revogação da Lei de Alienação Parental 12318/2010, a qual tem sido importante recurso utilizado por agressores no intuito de descredibilizar as denúncias de violência contra a mulher<sup>9</sup>. Nas duas situações, ambas no ano de 2021, as mulheres que movimentaram os protestos vestiam roupas longas e vermelhas e usavam toucas brancas com longas lapelas laterais. As vestimentas e postura inerte remetem à distopia *The Handmaid’s Tale* (1985), de Margaret Atwood, que descreve uma sociedade autoritária e religiosa que seleciona e submete as mulheres locais a funções específicas. Dentre as muitas prescrições e proibições, as mulheres férteis têm seus corpos reduzidos a receptáculos e, vistas como objetos ausentes de desejos, vontades e quaisquer sensações naturalmente humanas, são escravizadas sexualmente e conduzidas pela vontade dos homens de Gilead. Sob essa ótica, formam-se domínios de memória a partir da intensa relação que mantêm os enunciados que emergem da literatura e os acontecimentos discursivos e não discursivos do presente sobre o corpo-mulher em questão. Corpo-receptáculo “abrigo da semente”; objeto de saber em diversos campos: médico, político e religioso.

Nesse viés, em *DIA 3. NÚMERO DE REGISTRO*, a vida das mães solo é tema do *slam*-poesia. Estrategicamente, Romão utiliza da concordância [e discordância] de gênero sob a perspectiva gramatical para denunciar a falta de responsabilidade e ausência dos homens que contribuíram igualmente para que a mulher engravidasse:

*DIA 3. NÚMERO DE REGISTRO*

a filho não ter o filiação da pai  
 no certidão de nascimento  
 é hábito antiga  
 agora o mãe exigir direito à aborto  
 é uma crime de vida

em algum casos  
 não só a gramática  
 sofre concordância de gênero<sup>10</sup>

Práticas sociais enquanto acontecimentos discursivos são denunciados. No Brasil, cerca de 5,5 milhões de crianças não têm “o filiação da pai” no documento de identidade (CNJ, 2015). Logo, o “hábito antiga” ainda é recorrente, enquanto o direito ao aborto é vetado, “é uma crime de vida”. Mais uma vez, o sujeito que fala no poema é atravessado e marcado por relações de saber-poder que visam discipliná-lo e coagi-lo, e que, quanto à

<sup>9</sup> Via Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CTxQE6FCxF/>. Acesso em 20 set. 2021.

<sup>10</sup> ROMÃO, 2017, DIA 3. NÚMERO DE REGISTRO.

ilegalidade da interrupção da gestação, reitera o controle dos corpos das mulheres e de suas escolhas sobre eles não apenas entre os sujeitos, mas também entre as próprias instituições e os protocolos não discursivos. A constituição desse sujeito se dá a partir dos processos de objetivação e de subjetivação, pois “o sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros” e se subjetiva ao assumir certa posição (FOUCAULT, 2009, p. 01). Assim, no *corpus* em questão, em meio às condições constituintes do modelo de mulher tecido pelas redes discursivas patriarcais, opor-se ao aborto, “crime de vida”, é tornar-se criminosa, assassina e desviante. Ao mesmo tempo, confrontar esses modelos culmina em linhas de fuga que possibilitam o olhar para si e o deslocar de uma subjetividade guiada e passiva.

Adiante, a infância “perdida” é tratada por Evaristo, em “A menina e a pipa-borboleta”, poema marcado pela solidão, pelos maus tratos e pelo triste destino da maior parte das crianças violadas. Desde muito cedo, as mulheres têm seus corpos objetificados e sexualizados.

*A menina e a pipa-borboleta*

A menina da pipa  
ganha a bola da vez  
e quando a sua íntima  
pele, macia seda, brincava  
no céu descoberto da rua,  
um barbante áspero,  
 másculo cerol, cruel  
rompeu a tênue linha  
da pipa-borboleta da menina.

E quando o papel seda esgarçada,  
da menina estilhaçou-se  
entre as pedras da calçada,  
a menina rolou  
entre a dor e o abandono.

E depois, sempre dilacerada,  
a menina expulsou de si  
uma boneca ensanguentada  
que afundou num banheiro  
público qualquer. (EVARISTO, 2017, p. 50)

Evaristo explora a violência do corpo-mulher-criança e minúcia sobre um sujeito que sofre, além de danos físicos, a falta de apoio social, a precariedade de políticas públicas e suas consequências. Além disso, a cultura do estupro, que abarca discursos que veem as mulheres como corpos disponíveis, como quem insinua, reforça e escancara uma realidade não só brasileira, que enxerga esses corpos, mesmo tão jovens, enquanto uma mercadoria gratuita, disponível e acessível. Nesse caso, o corpo da criança violado por um adulto (*m másculo cerol, cruel*), no espaço público, reitera discursos da já mencionada cultura

do estupro, pois mesmo uma criança do sexo feminino não pode estar em qualquer espaço e em qualquer horário, “disponível”. O espaço, nesse caso, é constitutivo dessa cultura e caracteriza práticas violentas de muitos homens em relação aos corpos das mulheres. Já em *Coisa de pertença*, vemos nitidamente um corpo que, a todo custo, é tido como um “pertence”, como “coisa”. Por sua vez, a mulher, ao tentar se reinventar e resistir às práticas incisivas e invasivas do outro, é morta.

*Coisa de pertença*

Quando a mulher boquiaberta  
engoliu a bala que lhe arreventou  
o último fio de seu desamparo,  
o homem, o seu,  
aliás, título inverso de propriedade,  
pois era ele quem a considerava  
como coisa de pertença,  
pegou a segunda arma  
decependo-lhe o corpo,  
enquanto calmamente dizia:  
“quem come a carne, corta os ossos” (EVARISTO, 2017, p. 118, grifo da autora)

As marcas temporais e a fala do sujeito discursivo-personagem sugerem que o acontecimento está sendo narrado nos e pelos versos do poema. O sujeito do poema assume a posição de um narrador onisciente que observa atentamente todo o ato e pontua, ao enunciar “o homem, o seu,/ aliás, título inverso de propriedade”, sobre a violência entre casais, no espaço doméstico, ressaltando que “o título inverso de propriedade” se dá ao passo que o agressor se coloca em posição de dono. Na última sequência enunciativa, esse sujeito discursivo comemora o próprio ato, já que realmente acredita que aquele corpo pertence a ele, e que por isso faz dele o que bem entender.

Segundo o Atlas da Violência de 2020, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), mesmo após a Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104, de 09/03/2015), os registros de crimes contra as mulheres foram crescentes (CERQUEIRA et al., 2020). Sendo assim, torna-se gritante o fato de que, ao tentarem sair da condição de submissão e de silenciamento, as mulheres se veem diante de confrontos diretos. É o mesmo que Schwarcz (2019) observa em relação à participação das mulheres nos âmbitos institucionais: quando sua presença é significativa, a sensação de perda de privilégios causa estranhamento, revolta e, num próximo passo, violência física, simbólica e moral. Logo, os pontos de inversão dessas posições de pertencimento, seja nas relações afetivas ou nos campos de atuação, representam uma linha tênue entre práticas de liberdade e de conflito. A percepção de que a mulher é um objeto, “coisa de pertença” do homem, que deve ser sempre submissa e seguir todos os padrões e práticas normalizadas socialmente, ou seja, discursos machistas, patriarcais e sexistas, faz com que o ápice dessa violência seja sua sentença de morte.

Sobre essa temática, em *DLA 19. FEBRE*, Romão discorre:

*DIA 19. FEBRE*

carne viva  
em terra quente  
carne quente  
enterrada viva

antígona ao contrário

de cada desaparecida  
desenterrar  
os ossos  
o nome  
o algoz<sup>11</sup>

Esse poema traz à tona, também, os inúmeros casos de mulheres desaparecidas, “carne viva em terra quente, carne quente enterrada viva”. Casos esses que não foram e que não são computados nos registros trazidos pelo Atlas da Violência, por exemplo. “Antígona ao contrário”, enunciado específico, não outro em seu lugar, forma campos de associação com enunciados de outra época, noutra espaço histórico e social. *Antígona* é uma tragédia grega de 442 a.C., nome homônimo ao da protagonista da peça teatral do dramaturgo Sófocles. Na peça, a personagem não se conforma com a falta de honrarias e de sepultamento adequado de Polinice, seu irmão, e corre riscos de morte para que isso seja feito.

À vista disso, o enunciado presente em *DIA 19. FEBRE* recorre à associação, contudo, com outra significação: a de corpos desaparecidos que não são sepultados e que não têm as devidas honrarias e procedimentos socialmente especificados. A falta de apoio, de políticas públicas e de ações governamentais soa decisiva nesse processo de identificação. São perceptíveis, então, que as práticas, a violência e as formas com que agem os corpos dos sujeitos que defendem discursos relacionados ao sistema patriarcal, ao machismo, à misoginia e ao racismo apenas se transformaram e se tornaram, de certa forma, mais sutis: redes capilares produtivas de poder que mais prendem e envolvem (FOUCAULT, 2017). Destarte, o sujeito discursivo toma forma e é constituído por relações de poder ligadas ao saber, a vontades de verdade que lhe impelem diretrizes e condutas, certo e errado sobre o uso de seus corpos; historicidade e domínios de memória.

Sob esse viés, os enunciados recortados e que formam o *corpus* deste estudo, constituem discursos que dialogam e remetem a outros discursos, anteriores ou contemporâneos, seja para atualizá-los ou subvertê-los, logo, não surgem despreziosamente ou isolados, e nem são neutros. Esses enunciados são conjuntos de dispersões que se tocam e que se regulam. Assim, analisar discursos é apreender os rastros da história inscritos nos enunciados que os compõem, e o trabalho de análise precisa

---

<sup>11</sup> ROMÃO, 2017, DIA 19. FEBRE.

descrever essas relações. Essa dimensão relacional de análise dos discursos indica, nas análises desenvolvidas, que as práticas de violência contra as mulheres, o corpo como “objeto de pertença”, o estupro, atravessam e estão atravessados por outros discursos, como os de hipersexualização do corpo, de grupos que são colocados à margem, de racismo estrutural, exploração, falta de políticas públicas, lugar de fala, entre outros. As mulheres, por sua vez, ocupam posições-sujeito perpassadas por práticas violentas, e à medida que se subjetivam, que adentram em zonas de vizinhança com o novo, conforme explicam Deleuze e Guattari (2012b, p. 67), extraem partículas “das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche” e instauram “relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão”, formando completo devir, com linhas de fuga e estratégias de resistência bem posicionadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo das poéticas de Luiza Romão e Conceição Evaristo, compreendemos um sujeito poético-discursivo que grita por equidade e que mesmo diante das inúmeras formas de violência busca se reestruturar e se renovar no enfrentamento daquilo que lhe impõe padrão e silenciamento. É importante salientar que *Sangria* (2017) e *Poemas de recordação e outros movimentos* (2017) trazem não somente temáticas que envolvem as mulheres brasileiras, mas também assuntos que remetem às favelas, aos homens que ali residem, à agressividade policial, à sexualidade e seus usos, e ao processo de criação poética. Logo, marcam uma literatura plural e particular, com traços específicos e um fazer poético expressivo. Por possuírem autoria específica, já que são mulheres, feministas e militantes, esses poemas marcam a denúncia de práticas arcaicas que foram e ainda são normalizadas.

Os poemas movimentam *escrevivências*<sup>12</sup>, termo cunhado por Conceição Evaristo que diz respeito à subjetividade de sua autoria presente em seus escritos. São afetações e experimentações que impregnam a máquina-escrita, que fazem do processo *escrevvente* único e potente. E ainda que os estudos foucaultianos indiquem para o distanciamento do autor e da materialidade, em favor do funcionamento dos discursos, *Escreviver* faz parte do processo tecelão-poético, pois as subjetividades de Romão e de Evaristo, que assumem posições de sujeito no jogo discursivo, fiam as linhas mobilizadas pelas autoras, que recuperam as experiências e memórias de um povo por meio da escrita. As vivências das poetisas- mulheres em solo brasileiro; mulheres-artistas, professoras, mulheres-negras, mulheres-mães, etc. - cantam e contam a história do país pela perspectiva da diferença. Viver-escrever e escrever-viver confrontam e denunciam os tantos abusos e interdições sofridas por esses sujeitos, pois “recuperam narrativas ancestrais”, descolonizando-as (HOLLANDA, 2020, p. 16).

<sup>12</sup> Em relação à noção de *Escrevivências*, Evaristo explica que, em suas obras, “tanto texto literário como texto ensaístico, a poesia, a prosa, nasce [...] profundamente marcado pela minha experiência de mulher negra na sociedade brasileira. É uma escrevivência que se dá realmente através dessa vida, que é a vida do povo negro, homens, mulheres, crianças” (EVARISTO, 2020, 03s a 40s).

À vista disso, destacamos o quão necessário se torna refletir sobre o trabalho de Romão e de Evaristo, que abordam temáticas que, infelizmente, estão fortemente presentes no cotidiano das brasileiras e de mulheres em todo o mundo e contextos. O devir-mulher, início e parte de todos os outros devires (DELEUZE; GUATTARI, 2012b), por sua vez, caracteriza-se como vetor de força poética, na capacidade que as mulheres (sujeito discursivo) têm de se subjetivar, de transcender ao novo e fazer surgir de si outras experimentações, visando romper e se desprender de convenções, dogmas e práticas que as coíbem, violam e prendem. Defendemos, então, que as mulheres são, realmente, a primeira resistência do sistema. É forma primeira de devir ao forjar para si estratégias de luta e armas inventivas, fervilhando a diferença; ao não aceitar e não permitir enquadrar-se aos “moldes” pré-estabelecidos de uma sociedade patriarcal, machista, misógina, racista e até mesmo religiosa, uma vez que o discurso religioso também articula e justifica sua submissão mediante uma crença.

O sujeito discursivo analisado revisita questões ainda entranhadas na atualidade, que nada mais servem para atualizar as práticas discursivas e não discursivas na realidade concreta, no esforço de disciplinar e conduzir os corpos das mulheres e daqueles colocados à margem. Esse exercício de coerção reivindica silenciamento, confissões e condutas no que se refere a seus gostos, sexualidades, competências, enfim, todos os seus direitos e artes de existir. Entretanto, foi possível verificar, mediante o experimento cartográfico, que é nesses jogos que as estratégias de resistência geram pontos de inversão, sacodem as poeiras e as crostas dos ditames sanguinários e criam outras existências. A própria materialidade impressa nos livros-suporte abre portas para outras perspectivas, para que novos fluxos passem por quem os lê.

Dessarte, concordamos com Steiner (2020) ao afirmar que “Aqueles que queimam livros, que banem e matam poetas, sabem exatamente o que fazem. Seu poder é incalculável. Precisamente porque o mesmo livro e a mesma página podem ter efeitos totalmente díspares sobre diferentes leitores. Podem exaltar ou aviltar; seduzir ou enojar; estimular a virtude ou a barbárie; acentuar a sensibilidade ou banalizá-la”. Pois, os cortes, as rupturas, a *Sangria* e as *Recordações* presentes nos processos escritantes convidam o leitor para a luta. Lutar é necessário. Resistir é preciso para que existir continue sendo possível. Mas existir também é sinônimo de proliferar em si mesmo novos processos de subjetivação, de produções desejanter e de experimentações. Desse modo, acreditamos que o estudo dessas literaturas abre possibilidades para se conhecer a condição das mulheres diante de um sistema de dominação, cujo lastro histórico tem raízes muito profundas na história do Brasil, além de contribuir aos estudos discursivos sobre resistência e resistência feminista e dar visibilidade às obras dessas autoras, já que são livros ainda pouco estudados.

## REFERÊNCIAS

CAMINHA, P. V. *Carta a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*. v.42. Lisboa: Parque Expo 98 S.A, 1997. (Coleção 98 Mares). Acesso em: 30 abr. 2021. Disponível em:

- <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/literatura-1/colecao-98-mares-expo98/1566-1566/file.html>
- CERQUEIRA, D.; BUENO, S.; ALVES, P. P.; LIMA, R. S.; SILVA, E. R. A.; FERREIRA, H.; PIMENTEL, A.; BARROS, B.; MARQUES, D.; PACHECO, D.; LINS, G. O. A.; LINO, I. R.; SOBRAL, I.; FIGUEIREDO, I.; MARTINS, J.; ARMSTRONG, K. C.; FIGUEIREDO, T. S. *Atlas da violência 2020*. Brasília, DF: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2020. Acesso em: 30 abr. 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>
- CNJ, Conselho Nacional de Justiça. *Pai Presente e Certidões*. 2. ed. Secretaria de Comunicação CNJ, 2015. Acesso em: 05 set. 2019. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/conteudo/destaques/arquivo/2015/04/b550153d316d6948b61dfbf7c07f13ea.pdf>
- DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. Tradução de P. P. Pelbart. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, G. *Foucault*. Tradução de C. S. Martins. São Paulo: Editora Brasiliense, 2019.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Tradução de A. Guerra Neto, A. L. Oliveira, L. C. Leão e S. Rolnik. v. 3. São Paulo: Editora 34, 2012a.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Tradução de S. Rolnik. v. 4. São Paulo: Editora 34, 2012b.
- EVARISTO, C. *Poemas de recordação e outros movimentos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- EVARISTO, C. *Escrevivência* [vídeo]. YouTube, 06 fev. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>
- FERNANDES, C. A. *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2012.
- FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, M. B. (Org.). *Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política*. 2. ed. Tradução de E. Monteiro e I. A. D. Barbosa. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2004. p. 264-287.
- FOUCAULT, M. O que são as Luzes? In: MOTTA, M. B. (Org.). *Ditos e escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. 2. ed. Tradução de E. Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 335-351.
- FOUCAULT, M. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. *Uma Trajetória Filosófica*. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 1-20.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Tradução de L. F. B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 28. ed. Tradução de R. Machado. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- HOLLANDA, H. B. (Org.). *Pensamentos feministas hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.
- MCLAREN, M. A. *Foucault, feminismo e subjetividade*. Tradução de N. Milanez. São Paulo: Intermeios, 2016.

- MUNIZ, B.; STOCHERO, T. Projeto que defende abstinência sexual como contracepção para adolescentes de SP será votado nesta quinta na Câmara. *G1 São Paulo*, 16 jun. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/06/16/projeto-que-defende-abstinencia-sexual-como-forma-de-contracepcao-para-adolescentes-de-sp-sera-votado-nesta-quarta-na-camara.ghtml>. Acesso em 19 jul. 2021.
- PRADO FILHO, K. A genealogia como método histórico de análise de práticas e relações de poder. *Revista de Ciências HUMANAS*, Florianópolis, v. 51, n. 2, p. 311-327, dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2017v51n2p311>. Acesso em: 16 abr. 2021.
- PRADO FILHO, K.; TETI, M. M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. *Barbaroi*, n. 38, p. 45-49, jun. 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-65782013000100004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782013000100004&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 16 abr. 2021.
- ROMÃO, L. S. *Sangria/Sangría* (Edição bilíngue). São Paulo: Selo do Burro, 2017.
- SCHWARCZ, L. M. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- STEINER, G. *Aqueles que queimam livros*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.